2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 14. QUINTA FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1849. **8.º ANNO.**

CONHECIMENTOS UTEIS.

Estudos geographicos e geologicos ácerca do Algarve.

A RESPOSTA mais competente á attenciosa carta, com que nos honrou o Sr. Franzini, é publica-la juntamente com o excellente artigo, em que fallámos no n.º 10 do nosso Jornal, e por meio do qual S. Ex.ª prestou á sciencia e ao paiz um grande serviço, fazendo conhecer uma obra em tudo nossa, apesar de feita por estrangeiro, e que sem a influencia do Sr. Franzini sahiria para fóra do paiz.

Quando um homem se apresenta com as habilitações, que o Sr. Bonnet manifesta na sua valiosa *Descripção physica e geologica do Algarve*, a sua competencia e prestimo em taes materias ficam provados, e seria para lastimar que não fossem devidamente aproveitados.

A nacionalidade do nosso Jornal é bem conhecida, mas acima da justiça e da necessidade não conhecemos nada.

Quando um estrangeiro, sem habilitações, se quiz arvorar em director das novas officinas do Arsenal da Marinha, bradámos bem alto contra o attentado que elle fazia ao merito nacional, e tivemos a fortuna de sermos completamente attendidos.

Similhante procedimento, e outros analogos, justificam a imparcialidade, com que nos parece que o reconhecido prestimo do Sr. Bonnet, em um ramo de conhecimentos praticos, que para o paiz póde ser de tanta vantagem, se não deve desaproveitar.

E que juntamente com M. Bonnet conviria que o Governo empregasse alguns dos portuguezes, que pelos seus estudos estão habilitados para emprehenderem qualquer trabalho relativo á geographia physica e geologica do reino.

Não póde haver duvida nem escrupulo em realisar o que fica dito, e só o mal entendido espirito de nacionalidade poderá não aprovar o alvitre, depois que o nome do Marquez de Pombal, assignado nos documentos mais nacionaes que Portugal contém na sua historia, sanccionou o emprego de muitos estrangeiros, concorrendo assim para o desenvolvimento que, durante a sua administração, tiveram todas as fontes da riqueza publica.

O que n'este ponto nos tem prejudicado são as más escolhas, mas quando o merito é real e provado, a escolha é sempre acertada.

(Carta).

221 SR. REDACTOR. — Tendo V. annunciado na REVISTA n.º 10 a publicação que fiz no *Diario do Governo* n.º 7 de uma resumida analyse da primorosa Memoria offerecida á Academia Real das Sciencias, pelo Sr. C. Bonnet, sobre a Geographia physica e geologica do reino do Algarve, que não reproduziu na sua integra, obstando-lhe o seu delicado respeito á propriedade litteraria, e convindo por todos os motivos que o conhecimento d'aquelle precioso trabalho chegue ao alcance dos seus numerosos leitores, cumpre-me participar-lhe que ficaria extremamente penhorado se quizesse dar cabimento no seu ..... periodico áquella noticia, tendo ao mesmo tempo a satisfação de lhe annunciar que M. Bonnet se propõe enviar a V. alguns artigos relativos ás suas explorações, que poderão interessar o publico.

Sou com a mais sincera estimação

De V., etc.
M. M. Franzini.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1849.

Temos a satisfação de annunciar que uma obra do maior interesse foi ultimamente apresentada pelo en-

genheiro civil *Carlos Bonnet* á Academia Real das Sciencias de Lisboa. Esta Memoria, que contém a exposição de diversas explorações scientificas feitas pelo auctor no reino do Algarve, é dividida em duas partes: a primeira tracta da Geographia physica, e a segunda da Geologia, ambas acompanhadas de mappas e perfis geologicos dos terrenos examinados. O auctor executou, durante as suas viagens, um minucioso nivelamento barometrico determinando as alturas respectivas acima do nivel do mar, a mais de duzentos pontos d'aquella provincia, fixando a maior altura da serra de Monchique *(Foya)* por duas observações independentes, e perfeitamente conformes, em 911 metros (4.141 palmos) notavelmente inferior á que se lhe attribuia.

Esta obra mereceu a approvação, e os mais lisonjeiros elogios da mesma Academia, que decidiu manda-la imprimir á sua custa, e por isso devemos esperar que não tardará em sahir á luz na collecção das suas Memorias. Recommendamos ao publico illustrado a sua leitura, pois ainda que esta obra seja especialmente scientifica, o auctor a enriqueceu com tantos factos e observações sobre o clima, producções, agricultura, botanica, physica, estatistica, etc., etc., que não sómente será preciosa para o geographo e geologo, mas tornar-se-ha igualmente interessante a todos os leitores.

Daremos uma resumida analyse dos principaes objectos de que tracta esta obra. O auctor, depois de ter descripto a posição geographica do paiz, ter insistido sobre a demarcação pouco natural que separa as duas provincias do Alemtejo e Algarve, examinou as differentes zonas do terreno, ás quaes os habitantes teem dado denominações particulares, e descreveu com a maior attenção e miudeza as lombadas ou cumiadas das serras, seus contrafortes e ramificações, determinando as suas alturas respectivas, que obteve pelo meio de um rigoroso nivelamento barometrico por estações successivas, notando igualmente todos os phenomenos naturaes que n'ellas se encontram. Passou depois a descrever os valles, os principaes desfiladeiros que alli existem, e tendo feito d'esta maneira a exposição dos phenomenos da vegetação em relação ás diversas zonas, chegou á parte que se aproxima á costa, que elle considerou como uma planicie. Descreveu igualmente todas as nascentes, ribeiros, e rios que offerecem algum interesse, e deu uma descripção assás circumstanciada e interessante dos banhos thermaes de Monchique. Examinou depois toda a costa desde a sua extremidade occidental até á foz do Guadiana, determinando as alturas dos rochedos mais salientes que bordam o mar. O auctor enriqueceu a sua obra com muitos factos quasi desconhecidos, os quaes elle mesmo colligiu, fixando as alturas e as regiões nas quaes crescem as arvores mais notaveis da provincia, descrevendo os vegetaes mais uteis, e a sua cultura: tambem se não esqueceu da estatistica geral, industria, etc., etc., obtendo resultados muito interessantes, dando ao mesmo tempo uma resumida descripção dos animaes que alli existem, juntando um pequeno Diccionario das cidades, villas e aldeias, com as suas posições, povoações, e descrevendo os objectos notaveis que n'ellas se encontram; e finalmente termina manifestando a sua opinião sobre os melhoramentos que julga adequados ao estado actual d'aquella provincia.

Na segunda parte, que é exclusivamente geologica, se acham descriptas todas as rochas que compõem o solo do Algarve. Pouco versados n'esta materia, podemos porém dizer que a divisão dos capitulos é, segundo nossa opinião, muito racional, e de uma grande facilidade para o estudo.

O auctor a dividiu em tres capitulos; no primeiro descreveu as rochas taes como ellas se offerecem á vista do observador, indicando o declive das camadas, suas posições, natureza e poder, e as differentes particularidades que n'ellas se encontram; no segundo resumiu a composição das rochas que formam os differentes terrenos, a posição geologica d'elles, e os classificou por ordem chronologica, comparando-os com terrenos similhantes que existem em outras regiões assás conhecidas, formando um mappa geral dos terrenos que compõem o solo da provincia.

Em referencia aos factos expostos nos dois primeiros capitulos, o auctor examina no terceiro os phenomenos que perturbaram as camadas dos differentes terrenos, segundo a theoria do celebre geologo Elie de Beaumont, e termina a parte geologica pelo exame dos principaes terremotos que se teem sentido no paiz, principalmente no de 1755; e por esta occasião dá uma explicação muito racional da grande oscillação, ou vaga do mar, que assolou toda a costa do Algarve, da Bahia de Cadiz, e da opposta costa da Barberia, a qual egualmente se fez sentir em Setubal e Lisboa, na deploravel catastrophe de 1755.

A obra é acompanhada de um mappa geographico extrahido e desenhado na escalla de 1/200,000, sobre a nossa Carta geral do Reino de Portugal (ainda inedita) que tivemos a franqueza de lh'a prestar, e cujo mappa foi addicionado e rectificado, principalmente na parte relativa ás posições e direcção das serras, e de alguns ribeiros. O auctor indicou, com signaes topographicos, todos os objectos de interesse que a escala permittia notar; e além d'este mappa offereceu outros parciaes, essencialmente destinados ao ramo geologico assim como um avultado numero de perfis, ou córtes dos terrenos em relação á sobredita parte geologica, que acompanhou com exemplares numerosos das rochas e mineraes colhidos nos mesmos terrenos; e que serão depositados no museu da Real Academia das Sciencias; ajuntando a tão preciosa collecção as vistas dos monumentos mais antigos e notaveis que ainda existem naquella provincia.

Para terminar diremos que a descripção de Geographia physica, sempre arida, e difficultosa, foi tractada pelo auctor de uma tal maneira, que pôde attingir insensivelmente, e sem repetições, as particularidades mais minuciosas sem cançar o leitor. A exploração topographica nos parece feita com tal exatidão que seria possivel executar, com o seu auxilio, um modêlo em relevo da provincia do Algarve, á similhança do que actualmente pratíca M. *Baverlecker*, em París.

Tributando ao auctor os louvores que merece esta obra, devemos egualmente agradecer e elogiar o zelo da Academia Real das Sciencias que emprega os escassos meios que estão ao seu alcance em animar as

sciencias, e que tão favoravelmente acolheu esta obra, não sómente util á sciencia, mas eminentemente proveitosa aos interesses materiaes do paiz.

Oxalá que possamos animar o auctor a emprehender egual trabalho em cada uma das provincias d'este reino, cumprindo saber-se que Suas Magestades, que tanto apreciam as sciencias e as bellas artes, acolheram o auctor com a maior distincção e benevolencia, e temos bem fundadas esperanças que o Ex.mo Duque de Saldanha, que possue, como é notorio, profundos conhecimentos scientificos, e que sabe avaliar a sua importancia, satisfará aos desejos que temos de vêr habilitado M. *Bonnet* para continuar os seus uteis trabalhos, e concluir esta bella obra, a qual verificando-se será successivamente publicada por provincias, á proporção que forem exploradas, havendo grande probabilidade que o Governo aproveitará esta occasião habilitando algum dos nossos jovens mineralogistas e geologos para acompanharem M. *Bonnet* nas suas viagens, e adquirirem o conhecimento do paiz, e a experiencia de que tanto se carece para tornar proveitosos os conhecimentos theoricos.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1848.

M. M. Franzini.

Considerações ácerca das vaccas leiteiras de Lisboa.

222 O LEITE, que se gasta em Lisboa, é quasi todo de vacca; e nem podia deixar de o ser em uma Capital, onde o consumo quotidiano é considerabilissimo: pois não ha outro ruminante, de leite prestadío, que o produza individualmente em tanta copia, de modo que poucas cabeças satisfaçam ás exigencias de um grande consumo; nem decente fôra levar rebanhos de cabras e ovelhas pelas ruas da cidade, não só pela poeira que levantam, como pelo cheiro desagradavel, que muito incommodaria os finos olfatos de seus habitantes; e, finalmente, porque nem mesmo seria facil acommoda-los aqui, onde ha mais sitios de recreio, do que o pastio indispensavel para a conveniente producção. — Na provincia, em que estas circumstancias menos avultam, usa-se pouco do leite de vacca, e muito mais do de ovelhas e cabras; e ainda assim este uso é temporario, por quanto só respeita ao tempo de afilhação, a partir de Março aos fins de Maio, que é quando existe ou mais abunda.

Vejamos qual é a raça das vaccas leiteiras de Lisboa, como se procede á escolha das melhores, e como são pensadas pelos vaqueiros; coisas altamente influentes na producção.

Raça das vaccas de Lisboa. Escolha das melhores leiteiras.

Estas vaccas são chamadas *turinas* [1]: provém, sem questão, d'uma raça exotica, ha muito aclimatada entre nós. Produzem muito mais leite do que nenhuma das indigenas; d'estas, unicamente as vaccas da raça *molar*, propria de Traz-os-Montes, se lhes aproximam em producção [2]; mas ainda assim de ordinario só dão 4 canadas, attingindo, quando muito, o dobro em certas circumstancias; em quanto as turinas produzem habitualmente entre 6 a 10 canadas, e mui especialmente chegam a 15 ou 16. Todavia o leite das primeiras, como o observa o Sr. Mousinho da Silveira, tem mais manteiga, sendo aguado o das segundas; de que resulta preferirem sempre estas, quando seja á venda do leite, e não ao fabrico d'aquelle lacticinio, a que se destinem.

Os caracteres das vaccas *turinas* topam com os da raça hollandeza, hoje espalhada em muita parte. Como todas as rezes d'esta raça, ellas teem pelle malhada de branco, preto ou arruivado, cabeça pouco grossa, mais notavelmente comprida do que larga, e o focinho delgado; chifres curtos, delgados e encurvados para a fronte; pescoço descarnado; vara do corpo alongada, alta no quarto trazeiro; curvilhões e joelhos pouco grossos. Em geral, são pouco mettidas em carne, embora comam bastante; parece que os alimentos se desfazem em leite, o que nunca succede a outras raças, que, alimentadas lautamente, logo engordam com detrimento d'este producto.

A raça hollandeza, nos paizes em que se tem aclimatado, ostenta-se como uma das melhores raças leiteiras, pelo muito leite que dão, ainda que pouco rico em manteiga; e por isso, onde aquelle tenha venda certa, é a raça que mais interessa. As nossas turinas, oriundas d'esta raça, estão n'este caso. Todavia a producção é mais copiosa no paiz originario ou nos immediatos. Assim, na força do leite [3], em quanto dão ahi até 20 canadas, — de ordinario 12 a 18 — entre nós não excede, e é pouco commum chegarem a 12 canadas. Procede isto das circumstancias do clima. É manifesto que, em geral, as leiteiras indigenas do Norte, onde existe uma atmosphera e pastos mais humidos, meios favoraveis á producção do leite, passando ao Meio-dia, em que o clima

[1] Não temos conhecimento exacto da origem d'este nome, mas provavelmente deriva de *Turim*, cidade italiana, d'onde se póde crer que se importassem; o que duvidâmos, por se não semelharem a nenhuma das raças italianas hoje conhecidas, nem mesmo com a *helvetica* de *Schwitz* ahi aclimatada, com cujo leite se fabrica o opiparo e excellente queijo parmesão; ou talvez derive de achar-se no seu todo, ainda que forçadamente, alguma semelhança de caracteres exteriores com os toiros malhados do Riba-Tejo, e se fizesse de *toiro toirinas* e depois *turinas*.

[2] O Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão dá 4 raças de leiteiras no paiz: *vaccas anãs* ou *do Cabo de S. Vicente*, que são de baixa estatura, dando, para a sua altura, bastante leite, e este muito natoso; *vaccas do Minho* ditas *marellas*, de maior corpolencia, difficeis de ordenhar, dando leite, se não proporcionalmente abundante, pelo menos gostoso, e bom para manteiga e queijo; *vaccas de Traz-os-Montes* ou *molares*, superiores ás outras na maior copia de leite, e de boa qualidade; *vaccas turinas* ou *de Lisboa*, as melhores leiteiras quanto á maior producção do leite.

[3] Diz-se que uma vacca está na força do leite, quando produz o maximo que póde dar d'este fluido; que só é quando se dão as seguintes circumstancias: 1.º Depois de 3 barrigas, porque é então que os orgãos mamares se teem completamente desenvolvido, e estão aptos para uma abundante producção até á septima cria. 2.º N'estas circumstancias, desde o tempo que vae de quinze dias depois do parto até aos sete mezes. 3.º Quando se alimentar com profusão, e especialmente a verduras, como succede na primavera.

é secco, hervas menos abundantes e succosas, circumstancias pouco adequadas, o produzem sempre em menos copia.

O leite variando, na sua quantidade, com as raças, e, n'uma mesma raça, com os climas; varia ainda para a mesma raça no mesmo clima, segundo os individuos. Assim, vaccas da mesma raça existem, dando, *cœteris paribus*, umas mais leite do que outras; e vemos, em Lisboa, *turinas*, que, na força do leite, attingem apenas a 8 canadas, em quanto outras chegam a 10 e 12. São isto differenças individuaes, ligadas a estados especiaes de constituição organica, e, sobretudo, ao desinvolvimento e actividade dos orgãos mamares; differenças que, pela importancia dos interesses com que jogam, teem feito que especuladores hajam investigado signaes por onde procedam, com segurança, na acquisição das melhores. Vejamos quaes são esses signaes na

Escolha das melhores leiteiras.

Os nossos vaqueiros, como os de outros paizes, attendem, para este fim, á grossura e tortuosidade de duas grossas vêas subventraes, que, visiveis da altura do umbigo, correm, uma de cada lado, a ramificar-se no ubre. Desejam que este orgão, a que tambem chamam *amujo*, seja desenvolvido e volumoso, experimentando que bem se despeje e vase á *mugedura*, para conhecer que o grande volume não dependa de ser carnudo, o que pouco leite dá. A estes signaes juntam ainda, como accessorios, a existencia de uma *pellugem*, como fêltro, que deve cobrir o ubre, tendo, assim como a pelle d'onde sahe, a côr de ganga amarella; egualdade dos têtos, melhor em numero de quatro, sahindo o leite por elles com a mesma força e quantidade. — Com estes signaes os vaqueiros teem a probabilidade de conhecer, entre duas vaccas, a que dará mais leite, mas não de avaliar, sequer proximamente, a producção quotidiana; e nem podem d'uma vitella, que sempre se compra mais barata, decifrar sua futura qualidade leiteira, pois ella nem vêas nem ubres tem desenvolvidos. Fôra-lhes, para isso, de alta conveniencia o conhecimento da descoberta de Guénon, celebre vaqueiro francez, descoberta que assenta n'outros signaes, tirados de figuras naturalmente gravadas no espaço que corre d'entre o ubre inclusivè até á vulva ou proximo d'esta, e constituidas por pellos curtos e ascendentes [4], signaes por onde se avalia, sem muito discrepar, não só o producto quotidiano, como se antevê a futura qualidade das vitellas. A este respeito nossos vaqueiros guiam-se pela qualidade das mães, coisa que nem sempre dá exacto, e que, além d'isso, só póde aproveitar aos que as conhecem, e não aos que compram em feiras.

(Continúa.)

S. B. Lima.

[4] Com o meu collega e amigo, o Sr. Lappa, hemos procedido á verificação da descoberta de Guénon, nas vaccas leiteiras de Lisboa. A summula d'esta descoberta, e o que temos colhido de nossas investigações, a faremos sciente do publico por este Jornal, com vénia do seu Redactor.

Alvitre ácerca da questão do Doiro.

A GRAVIDADE da questão do Doiro, a nossa posição como Redactor de um Jornal, que, por varios modos, tem sido convidado para entrar n'esse assumpto, são motivos que nos obrigam a declarar que a publicação do seguinte artigo não prejudica o que, ácerca da questão, pensâmos, e o que poderemos, talvez, escrever a seu respeito.

223 A COMPANHIA dos Vinhos do Doiro tem manifestado que ella não tem tirado proveito do subsidio de 150 contos, com o onus da compra de 20.000 pipas de vinho, que o commercio regeitar. Olhando para a respeitabilidade e innegavel probidade dos individuos que compoem a sua administração, não nos é dado duvidar d'esta asserção; porém podemos deduzir que nenhuma violencia se fará áquella corporação, se se alterar o contracto que com ella celebrou o Governo, substituindo-lhe outro, que lhe ha de dar vantagens positivas.

Os lavradores do Doiro queixam-se, e talvez com sufficiente rasão, do estado deploravel a que tem chegado o paiz, d'onde Portugal tem tirado incalculaveis recursos; e reconhecendo as Côrtes que, n'aquelle districto, existe effectivamente o maior manancial da riqueza nacional, não duvidaram ceder da metade do injusto imposto, com que o seu producto é onerado á sua sahida para os portos de Europa — injusto — porque é axioma que aos fructos do paiz se deve protecção, e que não devem elles ser sobrecarregados com direitos. Tem-se dito erradamente que o vinho do Doiro *póde* com a alcavalla de 14$000 réis em pipa, além de 10$000 réis do direito indirecto, que no Doiro paga pela sua habilitação; essa asserção era, todavia, sómente para acobertar a exigencia do imposto, *de que a nação não podia prescindir.* Mas haja tento que não se mate o ganso que põe os ovos d'oiro...

O sacrificio que fez o Estado, dando á Companhia 150 contos de réis — é absurdo — porque o Doiro não póde haver vantagem de, em logar de serem muitos os taberneiros no Porto, ella monopolisar esta venda a retalho. Antes pela concorrencia de muitos compradores, ainda que de menores quantias, o mercado sempre ganha vigor. No Porto os taberneiros teem sido perfeitamente *mis hors de combat*, porque não são subsidiados.

O Doiro precisa que se dê sahida para fóra do paiz de 20.000 a 25.000 pipas annualmente, além da sua exportação usual.—Todas as providencias, pois, que não conseguirem levar aquelle numero de pipas para fóra da barra, não attingirão o fim a que se propoem.

Considerando que a Companhia, na alteração do contracto que vou lembrar, não póde ser prejudicada, como ella o confessa, e tendo em vista que da sua existencia, por ora, não tem resultado os effeitos salutares que se esperavam, sou de opinião, que seja confiado, como até agora, á Companhia o arrolamento, classificação, e mais fiscalisação no Doiro, Villa-Nova e Porto, e que, além do cruzado que per-

cebe em pipa, se lhe abonem mais 20 contos annualmente, cuja quantia seria de certo uma efficaz ajuda de custo; que dos restantes 130 contos se dê um premio de 30$000 réis em pipa d'aguardente de 11 gráus (Tessa) exportada pela foz do Doiro, e fabricada da uva produzida na actual demarcação do paiz vinhateiro; e crescendo algum dinheiro dos 130 contos, que fosse applicado para as obras da barra.

Este *bonus* é tão forte, que elle não podia deixar de animar a sahida de muita aguardente do Doiro. Dá elle para 3.200 pipas d'aguardente, que correspondem a mais de 22.000 de vinho, cuja extracção não podia deixar de animar o commercio de vinhos do Doiro, sem o expor aos vexames que actualmente soffre.

Posto não pertença a esta materia, parece-me que seria conveniente não classificar como vinho a geropiga, e que esta só podesse ser armazenada no *Porto*, e exportada como qualquer outro licor.

Villa-Nova, 10 de Janeiro de 1849.

Oenopola.

Vantagens da creação de aves domesticas.

224 Não é raro, na Inglaterra, as mulheres e filhas dos agricultores inglezes dedicarem a sua attenção e cuidados á creação das aves domesticas, como patos, perús, gallinhas, etc. Ultimamente a mulher de um agricultor das visinhanças da cidade de York enviou á Sociedade de Agricultura de Newcastle uma memoria, por ella redigida, cheia de factos curiosos sobre o producto da creação das aves domesticas. Esta memoria demonstra grande estudo e applicação ao objecto especial de que tracta.

Depois de haver mostrado as quantias enormes de que a Grã-Bretanha é tributaria ao continente, para se prover de ovos e aves domesticas, a auctora entra em detalhes praticos, dignos de se apreciarem.

«Tenho, diz ella, 60 gallinhas, quasi todas da raça da Dorking cruzadas com a raça da Cochinchina, 6 gansos, e 70 a 80 patos, que compro no outono para engordar, e depois vender.

«Estes animaes fazem-me de despeza em

«Cevada, leite, sêmeas e limpadura.	155 fr.	10 c.
«Varias despezas mais.....	115 »	70 »
«Compra de 70 patos.....	218 »	75 »
	489 »	55 »

«Produzem-me

«3.400 ovos vendidos.....	203 »	60 »
«208 frangãos.....	455 »	
«Ovos e frangãos gastos na caza...	120 »	
«60 patos vendidos.....	287 »	50 »
«10 gastos na caza.....	68 »	75 »
«20 gansos vendidos.....	62 »	50 »
Total...	1.197 »	35 »
«Sendo a despeza de.....	489 »	55 »
«É o beneficio de.....	703 »	80 »

«Em 1846 tive um lucro de 725 francos. O producto annual das minhas aves domesticas raras vezes tem algumas variações. Se me fosse possivel «augmentar o logar, onde tenho a minha creação, «estou certissima de que o producto seria mais consideravel.

«O principal alimento das minhas aves é a limpadura, a qual, por muito barata, permitte que se «alcance tamanho lucro.»

Modo de aperfeiçoar os estrumes, extrahido de uma memoria dirigida á Sociedade Real de Agricultura de Londres.

225 Para estrumar um hectare [1] com estrumes ordinarios, são precisos 60 mil kilogramos [2]: com os novos processos, estes 60 mil kilogramos que conteem, passados seis mezes, ainda 75 a 80 por cento de agua, são redusidos a 10 mil kilogramos, quantidade sufficiente para adubar, com economia de transporte, 5 *hectares* de terras lavradas, ou prados.

Esta porção de terra produsirá um quinto de trigo mais por este novo processo, do que pelo methodo actual.

As terras e prados adubados durante dois annos consecutivos por estes estrumes, no terceiro basta-lhes menos da metade para produsirem bem.

A preparação d'estes estrumes custará cêrca de 6 libras sterlinas por 10 mil kilogramos, ou uma libra por *hectare*.

Explicação dos processos. — A maior parte dos agricultores deixa os seus estrumes expostos á chuva, quando os não cobre com uma pequena camada de terra, que para nada serve.

Pelos novos processos: —

1.º Collocam-se inteiramente abrigados, cobrindo-os por toda a sua superficie com uma camada de alcatrão combinado com cal.

2.º Guardam-se com o maior cuidado os liquidos, que escorrem da estrumeira, que se perdem na terra, construindo a base da estrumeira de tijolos inclinados e betumados.

3.º Evitam-se as exhalações fetidas, e augmenta-se a riqueza dos estrumes com azote, regando o interior das camadas do estrume por meio de tubos de ferro fundido, e com uma bomba portatil.

4.º Accelera-se a fermentação e a reducção dos estrumes a torrão, fazendo atravessar por entre as suas camadas, canos de ferro fundido por onde passe o vapor na temperatura de 15 a 18 gráus, o que se consegue facilmente por meio de uma pequena machina, qne custa 2 a 3 libras sterlinas.

5.º Finalmente mergulham-se as sementes antes de se lançarem á terra, em uma dissolução de gelatina e amido com bastante agua salgada, e depois apolvilham-se com os estrumes assim preparados, redusidos a pó.

O guano de Africa e do Perú, considerado como o melhor estrume empregado até ao presente, e que, por sua decomposição, foi que deu idéa d'este processo, não ministra á terra tantos principios fertilisantes como este estrume.

[1] Um *hectare* equival a 8,264 varas quadradas.
[2] O kilogramo val tanto como 2 arrateis e 2 onças.

O doutor Ryau, professor do Instituto de Londres, reconheceu, depois de uma apurada analyse, que era duas vezes mais rico em principios fertilisantes do que o guano de Africa, ou do Perú.

Machina de M. Soubeiran para fabricar o Chloroformio.

226 «Tomo — diz M. Soubeiran — 10 kilogramos de chlorureto de cal do commercio, de perto de 90 gráus: dissolvo-os com cuidado em 60 kilogramos de agua; introduso o leite calcareo, que daqui resulta, em um alambique de cobre, que não deve ser enchido senão até ás duas terças partes: — junto-lhe 2 kilogramos de alcool. Tapo tudo muito bem, e colloco o apparelho sobre um vivo fogo.

Quando este mixto chega á temperatura de 80 gráus, apparece uma reacção forte, que abrirá o alambique, e o fará passar para o recipiente, se não houver o cuidado de se lhe tirar depressa o fogo. É o momento critico da operação. Conhece-se a sua approximação pelo calor que se communica ao gargalo do capitel. Quando este estiver bem esquentado na parte mais afastada do fogo, quando ainda os productos da distillação não começaram a apparecer, retira-se tudo do fogo. Instantes depois, começa a distillação, progride com rapidez, e termina quasi inteiramente por si mesma. Quando se observar que a operação afrouxa, renova-se o fogo para a manter.

Feito isto a operação está quasi finda, o que se conhece quando os liquidos que se distillam apenas teem um leve sabor assucarado do Chloroformio. Não será pouco se se houver distillado dois ou tres litros do liquido.

O producto se compõe de duas camadas. A inferior é densa e levemente amarellada: é o Chloroformio misturado com alcool e manchado com um pouco de chlóro. A camada superior, mais abundante, é uma mistura de agua, de alcool e de Chloroformio: de um dia para o outro deposita no fundo uma certa quantidade d'este producto.

Separa-se o Chloroformio por meio da decantação, que consiste no vasamento dos liquidos brandamente: lava-se agitando-o em agua; e ainda outra vez com uma fraca dissolução de sóda, para o desembaraçar do chlóro: ajunta-se então chlorureto de calcium, e rectifica-se por meio da distillação em banho-maria. Para o uso da medicina, é superfluo rectifical-o de novo por meio do acido sulfurico. Os liquidos que sobrenadarem no Chloroformio no fim da distillação, e os que serviram para o lavar, são reunidos, ajunta-se-lhes uma nova quantidade de agua, e distillam-se no banho-maria. — O Chloroformio passa então arrastando comsigo alguma agua alcoolisada, que sobrenada nelle. É então purificado como disse acima.

A difficuldade da fabricação do Chloroformio consiste na necessidade, que ha, de se operar com Chlorureto de cal, fortemente misturado, para que não appareçam outros corpos, sobre tudo productos aceticos, que se tornariam impossivel separar.

D'isto proveio a necessidade de se operar em vasos distillatorios de grandes dimensões, empregando apenas tenues porções de alcool. — Além d'isto deve-se notar que o Chloroformio parece não ser senão um producto secundario da reacção energica, que se fórma entre o hypochlorito de cal e o alcool.

Obtém-se sempre muito menos, do que a theoria faria presumir.

Ao principio não se fabricava senão Chloroformio que não possuia o grau de pureza conveniente.

Apezar da sua fluidez, o Chloroformio tem uma densidade mui grande, e que póde ser prova da sua pureza. Para esta se verificar, opere-se do seguinte modo: — misturem-se partes eguaes de acido sulfurico concentrado e de agua distillada, que se transforma em um liquido que marca 40 gráus no areometro depois de esfriar. Lance-se nelle uma gotta de Chloroformio: — se esta for ao fundo, é prova da pureza do Chloroformio.

Esta experiencia é simples, está ao alcance de todos, e tem a vantagem de impedir a venda do Chloroformio misturado com alcool.»

Journal des Connaissances Utiles.

Gaz para a illuminação, extrahido da agua.

Eis-aqui o que, por emquanto, nos consta ácerca de uma nova descoberta, que seguiremos attentos para poder informar os nossos leitores:

227 «O gaz, extrahido da agua, para a illuminação, ácerca do qual se teem feito experiencias em algumas cidades do Lancashire, em Inglaterra, começa a ser assumpto que merece a attenção do publico.

«O apparelho do Sr. Wakefield, nas aguas ferreas de Basford, apenas occupa o espaço de seis pés quadrados, incluindo o fogo, mas sem contar o gazometro. Custa 40 a 50 libras; produz mais de 1.000 pés cubicos de gaz em 10 horas. Os seus resultados são superiores aos do gaz extrahido do carvão.»

PARTE LITTERARIA.

Lamartine e Raphael.

228 As nações olham silenciosas para o futuro, quando as revoluções abrangem todos os elementos da sociedade, e quando se opera o grande movimento, que aproxima ou retarda a solução do problema social, que pertendem resolver.

Como a nuvem, que annuncia a tormenta, a gloria litteraria poderá brilhar na epocha em que se gera a revolução; poderá tambem brilhar depois sobre as suas ruinas, como um iris de paz; mas não é sua a hora dos combates.

O sol, que alumiava as campanhas da revolução franceza, era a espada de um soldado.

Em quanto Napoleão colhia pelo mundo as palmas dos seus triumphos, em quanto regava com sangue o campo, em que brotavam as flôres, com que a victo-

ria lhe ornava a fronte, ninguem pensava nos homens que, só com a penna, sem exercitos nem reis a seus pés, estavam immortalisando o nome sobre algumas folhas de papel!

O confidente do Genio do Christianismo, o cantor dos seus Martyres, já então entrava, com harmoniosa voz, n'esse côro solemne, que o ruido das armas não deixava ouvir, e do qual faziam parte o romano Alfieri, o romancista da Escocia, o infeliz Chenier, o mysterioso cantor de D. João, o apaixonado Goethe, o dramatico Schiller, o nosso Philinto, e outros genios raros, de quem a morte havia de respeitar os nomes.

A lucta começada em 1789 era ainda mais de armas do que de crenças; na que hoje lavra pela Europa, o pensamento é mais do que a força.

Ha um grande combate de idéas no seio d'esta geração, que, ao começar do seculo presente, foi jogada nos campos da guerra, como a tunica do Redemptor sobre o tumulo, que era o berço da sua resurreição.

Ao ruido d'esta lucta, como ao estrepito da que abriu a nossa era, tambem se não podem ligar essas vozes da alma, que o poeta traduz em tres palavras — amar — padecer — e cantar.

No entanto o *paquete*, que pelas suas viagens marcava as mudanças completas que, em menos de um anno, se operaram em toda a Europa, trouxe-nos, em logar de uma d'essas noticias, que por vezes espantaram os animos mais preparados para calcular o futuro, a simples nova de que um livro mais se tinha juntado ao infinito cathalogo das obras que sahem por milheiros das typographias francezas, e que este livro se intitula *Raphael*, e é escripto por Lamartine.

Nos poucos centenares de paginas d'esse livro, nos artigos que o analysam em varios periodicos, está contida uma das maiores novidades litterarias d'esta quadra absolutamente politica.

Será este livro o mensageiro, sahido da arca santa, para conhecer se a onda, que veio até ao cimo do monte, já voltou para o abysmo que a gerou?

Quem sabe?

As torrentes do Nilo fertilisam: talvez que no cimo escalvado da montanha, fecundado pelo cachão que a encobriu, desponte já o verdejante ramo da paz.

Fica distante ainda o ponto do horizonte, em que o futuro se decifra; não o podemos avistar; mas saudaremos, com affecto, este bem agoirado mensageiro, que desfere o seu vôo por uma atmosphera carregada ainda de espessas nevoas.

A data da publicação de tal livro significa mais do que a epocha em que foi escripto.

Raphael, Pages de la vingtième année, não é, no todo, quanto a nós, uma obra escripta pelo Presidente do Governo Provisorio.

As pulsações do coração, que se reflectem n'aquellas paginas, não se contam depois dos 50 annos; é só dos 20 aos 30 que a penna as sabe traduzir.

O pincel rival de Vernet, que fez reviver, na tela da historia, o grupo gigante dos girondinos, que se destaca de um fundo côr de sangue, aformoseou, com algumas massas de escuro, o sereno e terno quadro de uma primeira paixão; mas só as tintas com que a inspiração do amor e da saudade enriqueceram a palheta do auctor das — *Meditações Poeticas* — podiam servir para pintar Julia e Raphael.

Para comprehender o livro, esta consideração é essencial; para admirar o auctor, bastará saber que elle é uma prova incontestavel de que, acima da gloria politica, das adorações e desprezos do povo, está o genio e o estudo.

Lamartine, que ouviu ha pouco soar o seu nome pelo mundo, como uma esperança de encontrados desejos, que o viu repetido por milhares de votos para ser arbitro da França, que o não deixou escrever na bandeira vermelha da anarchia para o identificar com o estandarte que tinha feito a gloria da sua patria sentado na simples cadeira de representante do povo, e, vendo que este queima incenso a outros idolos, ao refazer, pelo trabalho, a fortuna perdida na revolução, não pede á França um voto, que ella, talvez, recusaria; mas dá-lhe um livro, que, em logar dos votos, chama a si todas as almas castas, que sabem crer e amar.

Os votos que hoje pertencem a um homem amanhã serão de outro.

Nos milhões de listas, em que a França escreveu o nome de Lamartine, já depois escreveu outros; mas a alma que vagou com elle pelo Oriente, que o acompanhou nas horas das suas *Meditações*, que lhe escutou as *Harmonias Poeticas*, que o seguiu no triste mas santo sacrificio de *Jocelyn*, essa não o esquecerá, não o trahirá nunca. Será tão constante para o poeta como este para com ella.

As desigualdades do favor publico, por si já muito caprichoso, recrescem por vezes, ante as paginas multicores da vida politica do homem.

É uma sina d'esta parte da vida, em que o corpo se separa da alma, para de todo se ligar ás luctas politicas. Não ha consciencia que baste, nem raciocinio que chegue para explicar tantas mudanças.

Para fallarmos de Lamartine, e do seu livro, esqueçamos o homem politico.

E assim como nós afastamos da lembrança, um lindo livro com o titulo de *Esmeralda*, indicio da esperança dos que suspiram por vêr uma corôa sobre a fronte do moço Henrique, que vem retratado na primeira pagina, e no qual o nome de Lamartine mais de uma vez, sela os seus protestos de fidelidade ao rei que só reconhece, esqueça tambem o leitor que ha dez annos ouve o nome do poeta na arena da politica, pois ao lado desse livro guardaremos os *Tres mezes no poder*, os quaes são o polo negativo das poesias da *Esmeralda*.

Rahpael, a melhor obra de Lamartine, a mais rica e formosa joia da sua corôa de poeta, vae brilhar aos nossos olhos, sem que a possa manchar a sombra das mesquinhas ambições do mundo.

A nossa alma e o nosso dever nos obrigam a communicar aos leitores do nosso Jornal, o que é esse livro, que n'este momento milhares de leitores estão julgando.

(Continuar-se-ha.)

Um livro util.

229 *Histoire morale des Femmes*, par M. E. Legouvé — 1 vol. in 8.° — 6 francos. O filho do inventor do celebre livro *Le Mérite des Femmes* publicou uma obra notavel ácerca da situação presente da mulher em relação á sociedade, dos seus direitos e dos seus deveres. — Entre a theoria de Rousseau, que resumia a missão da mulher no dever de agradar aos homens, e ás loucas doutrinas dos que pertendem revesti-las dos direitos civis da eleição e dos cargos publicos, o auctor só tractou de melhorar a sorte da mais interessante parte da humanidade, assentando as suas opiniões na existencia dos laços eternos da familia, e no respeito á moral da Religião Christã.

O castigo merecido.

(Conto a Minha Filha.)

230 Quando eu era pequenino,
Ouvi contar uma historia,
Que por sua singeleza,
Se me gravou na memoria:

É um conto bem bonito,
E por isso t'o repito.

Por elle verás, ó filha,
Que obedecer a seus paes
É o primeiro, e o mais santo
Dos deveres filiaes:

Põe os olhos n'este espelho,
Segue, ó filha, o meu conselho.

I

No anno da graça de Nosso Senhor
De mil oitocentos e quarenta e tres,
Vivia mui perto de Penamacor
Um pobre velhinho, que eu vi muita vez.

Da esposa adorada tivera uma filha,
E um filho, ambos elles bellezas sem par;
Em todo o universo maior maravilha
Duvido que o velho podesse encontrar.

Um pouco distante do povo em que estava
Vivia um fidalgo dos tempos antigos,
O qual tinha um filho que muito estimava
Luiza e Augusto, seus grandes amigos.

Um dia que a festa da aldêa visinha
Juntava contentes os seus moradores,
O bom fidalguinho veloz se encaminha
P'ra casa do velho, com um ramo de flores.

Lá chega esfalfado — respira — descança;
Depois diz ao velho: — Parece-me justo
Que em paga, visinho, da minha lembrança
Deixeis vir comigo Luiza e Augusto.

Deixou-os o velho, mas co'a condição
De virem bem cedo, e fugirem de atalhos;
Assim prometteram — partiram — lá vão:
Deus queira não passem por grandes trabalhos.

II

Como está bonita a festa!...
Deveu custar bom dinheiro;
Os laponios estão todos
Co'o seu fato domingueiro;
E as mulheres, mui tafulas
Co'o seu modo galhofeiro.

Na igreja que além está
Ha de haver missa cantada,
Instrumental, coisa grande,
Prégador de nomeada,
E entre os maloios da aldêa
Muita gente delicada.

Mas o bonito é á noite!...
N'aquelle bello edificio:
Ha de haver ás nove horas
Grande fogo d'artificio;
Não o vêr fôra peccado,
E mui grande sacrificio.

Fogo assim é coisa rara;
E por isso o fidalguinho
Insta co'a bella Luiza,
E co'o seu querido amiguinho,
Para que antes das dez horas
Se não mettam a caminho.

Muito póde a tentação!...
Os pobresitos ficaram;
E dez horas eram dadas
Quando p'ra casa voltaram;
Agora te vou contar
Os trabalhos que passaram.

III

Como a noite está medonha!
Nem uma estrella no céu!...
Sobre a abobada azulada
Estendeu-se um negro véu!...

E pelo caminho fóra
Não ha viva alma a esta hora.

Os dois pobres innocentes
Lá vão, tristes, caminhando,
E co'as lagrimas nos olhos
Vão, coitados, conversando;

Que as penas communicadas
Ficam sempre alliviadas.

Muito mal fizemos nós,
Dizia o pobre rapaz,
Em ficar até tão tarde!...
É coisa que ninguem faz!...

Que havemos dizer agora,
Para explicar tal demora?...

A culpa tambem foi tua,
Responde a pobre da irmã;
Tu és mais velho, e devias
Lembrar-te que de manhã

Nosso pae, que tinha medo,
Nos mandou voltarmos cedo.

Tens razão, não me desculpo,
Lhe replica o pobresito;
Eu bem sei que o que fizemos
Não foi lá muito bonito;

Dar desgosto tão atroz
A um pae que morre por nós!...

E aqui principiam ambos
A chorar... como o que são;
Como duas criancinhas,
Que teem medo do papão,

E a tal hora adiantada
Se encontram sós n'uma estrada.

Olha, Luiza, é verdade
Que faltámos á promessa,
Que haviamos feito em casa;
Mas, p'ra chegarmos depressa,

Ao pé d'aquelle carvalho
Tomemos por um atalho.

Isso não, responde a pobre;
Credo!... por caso nenhum!...
Não quero na consciencia
Dois crimes em logar d'um;

O meio de ser perdoado,
É fazendo outro peccado?

Deixa-te d'isso, Luiza;
Que havemos fazer agora?
Tomando por este atalho
Chegamos n'um quarto d'hora;

E se pela estrada vamos,
Sabe Deus quando chegamos.

Palavras não eram ditas,
'Stavão ao pé do carvalho;
Dão o braço, e resolutos
Se mettem por um atalho,

Rezando a sua oração
Á Virgem da Conceição.

Andaram cinco minutos
Pelo meio d'um pinhal,
Vai senão quando... arremete-os
Um terrivel animal,

Que ao vêr por alli passa-los
Pensou logo em devora-los.

Era um lobo... Virgem santa,
Protegei os innocentes,
Que a vós, gemendo e carpindo,
Dirigem preces ardentes;

Quem ha de ouvir sua voz,
Senhora, a não serdes vós?

Muito póde uma fé viva!...
Bemdita sejaes, Senhora,
Que nas desgraças e perigos
Sois a nossa protectora,

E intercedeis piamente
A favor do delinquente.

Assim que o nome da Virgem
Foi por elles proferido,
Fugiu o lobo raivoso,
A uivar, e espavorido,

Mas deixando aos innocentes
Os signaes d'agudos dentes.

Prostraram-se então por terra,
E em sentidas orações,
Rezadas á Mãe do Eterno,
Lhe pediram mil perdõee:

Quem reza com tal fervor
Ouve-o Deus Nosso Senhor.

Dentro em pouco os pobresinhos,
Que um anjo escudando vae,
'Stavam tremulos, confusos,
Entre os braços de seu pae,

A quem contão fielmente
Aquelle perigo imminente.

O velhito nem sequer
Um momento lhes ralhou,
Mas co'as lagrimas nos olhos
Esta falla lhes fallou,

Que com fé e devoção
Gravaram no coração:

Filhos meus, um pae na terra
É a imagem do Senhor;
Sede-lhe sempre submissos
Em troca do seu amor;

Sim, meus filhos, é mister
Fazer quanto vos disser.

Nos signaes, que vos ficaram,
Dos dentes d'esse animal,
Fique impressa para sempre
Uma lição de moral,

E um testemunho evidente
Do poder do Omnipotente.

Alexandre Magno de Castilho.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

2 A 7 DE FEVEREIRO.

Diario n.º 29.

231 RESUMO geral do lançamento da decima e impostos annexos no anno de 1847 a 1848, do districto de Villa Real. Somma este resumo 46:873$549 réis.

—

Dito n.º 31.

Portaria mandando ao Director da Alfandega do Porto que informe o Governo de quaes são as causas por que a receita da dita Alfandega tem diminuido tão consideravelmente.

—

Dito n.º 32.

Acta da installação da Sociedade agricola de Evora.

Portaria mandando que em todas as comarcas judiciaes se confeccionem mappas demonstrando todos os processos de execução fiscal que foram mandados sustar.

Outra ordenando aos Governadores Civis, que enviem á Secretaria da Fazenda um mappa de todos os recebedores que devem á Fazenda.

Auto da Junta do Credito Publico, de amortisação das notas do Banco de Lisboa até ao dia 3 de Fevereiro. Monta esta amortisação em 71:344$800 réis.

Mappa da existencia e amortisação das notas do Banco de Lisboa:

Capital.	5.000:000$000
Notas amortisadas até 3 de Janeiro de 1849	1.141:454$400
Ditas no dia 3 de Fevereiro dito .	71:344$800
Existentes	3.787:200$800

Mappa da importancia do imposto addiccional de 10 e 6 por cento para amortisação das notas, desde o dia 3 de Janeiro até 3 de Fevereiro. Somma este mappa 18:717$709 réis.

—

Dito n.º 33.

— Banco de Portugal, 31 de Janeiro.

Notas do Banco de Portugal em circulação	264:230$000
Depositos — moeda metalica	288:480$215
Numerario metalico em caixa.	645:923$579
Prata além do dito numerario.	9:475$200

Isthmo de Panamá.

232 LE-SE nos jornaes recentemente recebidos de New-York uma curiosa noticia ácerca do Isthmo de Panamá. Bem sabido é quanto se tem escripto, e ha muito tempo, sobre o projecto de abertura de um canal para a communicação dos dois Oceanos, Atlantico e Pacifico. A questão versava relativamente ao logar por onde se faria o córte. Seria Panamá, Tehuantepec, ou S. João de Nicaragua? Arvorou-se magna discussão, que segundo o costume não produziu fructo.

Ha mais de dois annos que em tal se não fallava; e agora apparecem annuncios nos periodicos dos Estados-Unidos, de que esta potencia americana se encarrega de tão colossal obra. É verdade que o meio da communicação differe; não será um canal, mas um caminho de ferro; sem duvida muito mais proficuo expediente do que os soberbos planos das companhias inglezas e francezas, que só deram em resultado explorações estereis, narrações contradictorias, e baldados convites aos capitalistas.

O encarregado de negocios dos Estados-Unidos junto ao governo da Nova-Granada, M. Bidlack celebrou um tratado para se effeituar a via férrea atravez do isthmo, e como as negociações se prolongassem demasiado tomou sobre si a responsabilidade para com o governo que representa. Segundo os seus calculos, a obra poderá concluir-se em dois annos; curto parecerá este praso a quem o medir pelas delongas usadas na Europa, porém é mui diversa e quasi assombrosa a actividade que a União Americana põe em pratica, quando se decide a levar a cabo qualquer obra publica importante. As Cartas de Miguel Chevalier provarão nosso dito.

Arithmetica Mechanica.

233 NINGUEM sabe onde irão parar as descobertas do espirito humano. Eis-aqui uma que deixará de bocca aberta os mestres de primeiras letras.

Os Srs. Maurel e Jayelle appresentaram á Academia das Sciencias de Pariz, no principio do anno em que estamos, uma machina por meio da qual, as quatro operações de arithmetica se fazem mechanicamente, sem auxilio do pensamento.

Nas operações só entram umas molas, que se fazem mover de um modo similhante á maneira de dar corda a um relogio.

Se no fim do anno se descobre uma grammatica mechanica, desde já antecipamos os nossos cumprimentos a muitos sabios e litteratos, que não poderão ser apeados do pedestal glorioso para onde subiram, porque não precisam saber lêr, nem contar.

A grammatica e a arithmetica são inimigos que lhes não deixam por em quanto desafrontadas as portas do templo da immortalidade.

Premio Agricola.

234 COM satisfação damos publicidade ao seguinte annuncio.

O governo belga instituiu um premio de uma medalha de oiro, e de mais 5,000 francos, (800$000 réis) para a melhor obra sobre a — Agricultura Geral; — outro de 1,000 francos (160$000 réis) para a melhor memoria ácerca da — Doença das Batatas.

Os estrangeiros são admittidos ao concurso aberto para conferir estes premios.

Os concorrentes devem remetter o seu manuscripto

ao *Ministerio do Interior*, a Bruxellas, antes do 1.° de Janeiro de 1850, com esta legenda — *Concours institué par le Congrés Agricole.* —

Os manuscriptos não podem conter o nome do auctor, e devem ser acompanhados de uma epigraphe qualquer, que sirva para reconhecer a carta fechada, que tem de conter o nome do auctor, e no subscripto da qual essa mesma epigraphe se escreve.

Effeitos do Telegrapho Eletrico.

235 O *New-York Express*, jornal americano, diz que a grande mensagem do Presidente da Republica, contendo mais de 50 mil palavras, foi transmittida em 24 horas, por meio do Telegrapho Eletrico, desde Baltimore até S. Luiz, fornecendo copias na sua passagem a 17 cidades dos Estados-Unidos. D'este calculo se devem deduzir duas horas, em que uma trovoada impediu a communicação.

Milho infantil.

236 Em o artigo 69 do 7.° volume da Revista, se deu noticia da cultura d'esta especie de milho, a qual parece offerecer vantagem, pois que varias encommendas para sementeira se teem recebido em o nosso Escriptorio. Não nos tendo sido possivel até hoje obter quanto baste para o distribuir pelos nossos assignantes, constou-nos com satisfação que um nosso assignante, de Lagos, mandou uma boa porção de semente de milho infantil para Lisboa, a qual se vende em casa do Sr. José Antonio Simões, junto á Conceição velha, n.° 25.

Cholera.

237 A cholera não faz progressos na Inglaterra. Está estacionaria. Do dia 20 até ao dia 26 inclusivè constava em Londres ter havido em todo o Reino Unido sós 162 casos, sendo 63 fataes. Glasgow continua a ser o ponto que mais padece.

Theatros.

238 Em S. Carlos apenas tivemos a velha novidade do *Barbeiro*. A opera correu soffrivel. A Sr.ª Secci-Corsi cantou com applauso, em máu francez, um breve romance que agradou. *Os tres corcovados* nasceram e morreram ao som de uma estrepitosa e bem merecida pateada. São o requinte da semsaboria. O tal coreographo, que a empreza escripturou para esta epocha, que por nome não perca, podia bem procurar outra vida, que para compor danças o não fadou a Providencia.

No Theatro de D. Maria II parece que ainda esta semana teremos as *Tres Cidras*.

No Gymnasio as poesias do nosso amigo e collaborador, o Sr. Palmeirim, são cada vez mais applaudidas. O Sr. Braz Martins recitou perfeitamente o *Granadeiro*. A *Vivandeira*, que brevemente publicaremos, será cantada com coros n'esse theatro. A musica é da composição do Sr. Miró. N'esta poesia o Sr. Palmeirim seguiu o genero puro de Béranger, e foi, quanto a nós, tão feliz quanto podia desejar. Não tarda que o publico se possa conformar com a nossa opinião.

Domingo sobe á scena em S. Carlos a *Beatriz de Tenda*. O *Macbeth* fica retirado até á Paschoa.

COMMERCIO.

239

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 31 DE JANEIRO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	6:553	360 a 530
Milho	710	300 a 340
Cevada	1:820	220 a 250

Cereaes em 7 de Fevereiro.

Trigo do reino rijo	de	300	a	380	réis a bordo.
» » molle	de	400	a	470	» »
» da ilha	de	330	a	370	» »
Milho do reino	de	220	a	240	» »
» da ilha	de	200			» »
Centeio do reino	de	210	a	220	» »

Liverpool — trigo amarello 31 6/ a 32 6/
» » branco 30 6/ a 31 6/

— Na praça de Londres, foram, em 26 de Janeiro, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		193½	195	Por 100.
Consolidados	3 p. %	91¼	91⅜	»
Redusidos	3 »	91¼	91½	»
Fundos	3¼ »	92¼	92½	»
Exchequer bills de Março		42	46	Premio.

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	—	—	Por 100.
Brasileiros	5 »	78	80	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	15¼	15¾	»
Ditos	3 »	28¼	28¾	»
Hollandezes	5 »	78¼	78¾	»
Ditos	2 »	49¼	49¾	»
Mexicanos	5 »	26¼	26½	»
Portuguezes	4 »	27	28	»
Ditos consolid. 1841	—	26	27	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	103	106	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa	51	51¾	Por 1$000 rs.
Porto	52⅛	52¼	»
Rio de Janeiro	23	23½	»
Bahia	—	—	—
Paris	—	—	»

— Generos em Londres em 6 de Dezembro.

Algodão de Pernambuco	4¾	5¾		£	Firme.
» do Maranhão	4¼	5		»	
» da Machina	3⅞	4¼		»	
» da Bahia	4⅝	5¼		»	
Assucar branco	39	43		112 £	Dito.
» mascavado	34	39		»	
Arroz do Brasil	7	6	12	»	Dito.
» da India	7	6	12	»	
» de Java	7	6	12	»	
Café do Brasil	26		30	»	Dito.
» » lavado	30	50		»	
Cacáo »	27	29		»	— Froixo.
Couros seccos do Rio Grande	3	6		»	
» salgados »	2	3		»	

Praça de Lisboa, 7 de Fevereiro. — Os fundos publicos de 5 por cento sustentam o preço de 48 por cento. Acções do Banco de Portugal 465$000 a 470$000 réis. Acções sobre o Fundo de amortisação 44 a 45 por cento. Os demais papeis de credito conservam os preços cotados em o nosso numero 12. Tem havido vendas das Acções do Banco do Porto por 236$000 réis. Desconto de Notas desde 1 a 7 do corrente, compra 2$000, venda 1$980.

— Estado do mercado em 7 de Janeiro de 1849.

Assucar. — Acha-se um pouco mais animado, estando os possuidores mais firmes nos seguintes preços:

Pernambuco B. (captivo de direitos).			1$200	1$500
Rio	»	»	1$200	1$250
Bahia	»	»	1$200	1$300
Alagoas	»	»	1$100	
Pará	bruto.	»	900	950
»	mascavado.	»	850	900

Café. — Tendo continuado os embarques, os possuidores recusam vender por menos de 100 a 150 rs. segundo as ultimas cotações.

Coiros. — Tem havido vendas dos seccos, para reexportação, de 70 a 80 rs., e dos salgados a 60 rs. para fóra da terra.

Marfim. — Houve algumas vendas para fóra, aos preços de 920 a 1$000 rs. pela lei, e 400 a 580 rs, pelo escravelho. Faltam as boas qualidades.

Cacáu. — Nada temos a addicionar ao que sobre este artigo dissemos no ultimo numero.

Cêra. — A amarella d'Africa tem-se vendido a 220 rs. pedindo hoje os possuidores 200 rs., segundo a qualidade.

Praça de París, 27 de Janeiro. — Os fundos ficaram cotados do seguinte modo:

3	por cento	47	francos	00	centimos
5	»	77	»	40	»
5	novo emprestimo	74	»	45	»

As acções do Banco tiveram uma baixa de 5 francos: estão a 1.683 francos.

Correspondencias.

240 *Coimbra, 4 de Fevereiro.* — Trigo tremez 360 por alqueire. Milho branco 240. Cevada 160. Azeite 960. Como vê, este ultimo genero tem baixado. Desconto de Notas, compra 2$700, venda 2$800.

Porto, 3 de Fevereiro. — Alguma procura tem havido de vinho velho, mas não é muita. As compras que n'este genero tem feito a Casa Chamiço & C.ª e outras regulam para mais de 50$000 réis a pipa. Parece que uma casa respeitavel de Londres comprou cerca de 300 pipas, das que estavam no mercado da capital de Inglaterra.

Trigo 600 a 700 réis por alqueire — Centeio 300 a 320 réis — Milho 310 a 330 réis — Cevada 220 a 240 réis.

Expediente.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

A Redacção deste Jornal acceita e agradece qualquer noticia fidedigna e interessante que seja enviada.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

— Temos recebido algumas queixas dos nossos assignantes de Setubal, ácerca da remessa dos numeros. A estes, como a todos, podemos asseverar, que lhes são regularmente remettidos por todos os correios; mas desejamos que nos informem sempre de qualquer irregularidade para a podermos communicar ao Sr. Sub-Inspector dos Correios.

— Ás cartas que de Extremoz nos escreveram, e em especial á do Sr. Gama Lobo, responderemos directamente.

— No proximo numero daremos noticia da *Guia ou Manual do Cultivador*, que vae publicar o Sr. Dr. José Maria Grande.

— Agradecemos a receita, que do Porto nos mandou o Sr. E. Moser, para destruir o Morrão do Trigo — será publicada.

Errata. — Pag. 146, col. 1.ª, lin. 28 — *discussões* — deve ler-se — *dimensões*.

Na mesma pag., col. e lin. — *systema* — deve ler-se — *cisterna*.

Na mesma pag., col. 2.ª, lin. 43 — *predominantes no mar* — deve ler-se — *predominantes no mez*.

Pag. 147, col. 1.ª, lin. 24 — *fazendo* 77 — deve ler-se — *fornecendo* 77.

Pag. 153, col. 1.ª, lin. 3 — *Lafões* — deve ler-se — *Vallada*.

Na mesma pag. e col., lin. 26 — *Filho* — deve ler-se — *Sobrinho*.

Na mesma pag. e col., lin. 28 e 29 — *povôa*, — *passa* — deve ler-se — *povoava* — *passava*.